AÇÃO!

WARLEY MATIAS DE SOUZA

Warley Matias de Souza

AÇÃO!

Flores partidas

Se, do cinema americano, você só curte a velha e bem-sucedida fórmula hollywoodiana, não veja *Flores partidas*. O filme é estrelado por Bill Murray, ator de quem eu não gosto nem um pouco. Apesar disso, acho que o filme não poderia ser protagonizado por outro ator. Bill Murray, com seu rosto inexpressivo, dá o tom melancólico e vazio que caracteriza o filme.

O melhor, em *Flores partidas*, é o final, vale pelo filme inteiro. Mas, além disso, os personagens (pelo menos, grande parte deles) são interessantíssimos. Aquelas pessoas que adoram “viajar na maionese” (expressão antiga essa!) vão gostar do filme; ou, pelo menos, vão conseguir chegar até o final.

23/12/2007.

Filhas do vento

É a primeira vez que vejo um filme brasileiro que fala de uma família negra sem que seja uma “forçação de barra”. Um drama emocionante, com uma ótima história. E a presença da Ruth de Souza num dos papéis principais.

Um filme que fala de mulheres, de mulheres negras. Assim, a história divide-se e encontra-se por meio de duas personagens, duas irmãs (Ruth de Souza e Léa Garcia), filhas do vento, que seguiram caminhos opostos.

E, para finalizar este meu curto comentário, fica a fala do personagem do Milton Gonçalves (Zé das Bicicreta): “Quem lê muito ou fica esperto ou fica cego que nem filhote de rato”.

01/01/2008.

O diabo veste prada

Antes de mais nada, “prada” é uma marca italiana conhecida mundialmente.

Depois dessa explicação desnecessária, fiquemos fascinados pela interpretação de Mary Streep. A sua personagem Miranda conversa sempre num mesmo tom, a voz sempre baixa, sem alterações, a frieza presente em cada palavra, em cada pausa. O olhar tedioso parece indicar que todo o mundo, com exceção dela, não passa de um bando de débeis mentais. O diabo deve ser assim, frio e sutil.

Se você tem curiosidade de saber como são os bastidores do mundo da moda ou quiser mais motivos para odiar o seu chefe tirano, você vai gostar. Mas gostará muito mais se vir além disso. Se pensar nos pactos com o diabo que fazemos todos os dias. Se pensar que temos escolhas; mas preferimos achar culpados.

O filme parece retratar a adoração de uma “escrava” pela sua cruel e desprezível “senhora”, para, em seguida, situar-nos entre a tênue linha que separa o certo e o errado, onde nos perdemos. E isso é a maior qualidade do filme. Porém, no final, impera o moralismo americano.

Por fim, é preciso mencionar que a modelo Gisele Bündchen faz uma pequena participação no filme. E, apesar de este falar sobre o mundo da moda, ela não faz o papel de si mesma, mas de uma personagem de ficção bem diferente dela própria. Sinceramente, até que a moça leva jeito.

06/01/2008.

Meninos não choram

Imagine que você é um garoto de vinte anos. Imagine que você tem uma vagina e seios. Imagine que você faz de tudo para esconder esses seus traços femininos. Imagine que você se apaixona por uma garota, e ela o aceita como você é. Imagine que seus amigos descobrem seu “segredo” e cometem contra você as violências mais atrozes. Imagine que essa é uma história real. E você poderá apenas imaginar o que passou e o que sentiu Teena Brandon (Brandon Teena) no ano de 1993, em Nebraska, Estados Unidos.

Hilary Swank (Teena ou Brandon) levou o Oscar de melhor atriz por esse filme. E ela mereceu todo e qualquer prêmio que possa ter ganhado por esse seu trabalho magistral.

26/01/2008.

Notas sobre um escândalo

O desejo de uma professora por um garoto de quinze anos, a princípio, parece ser a história central desse filme. Mas, depois, percebemos que é apenas pano de fundo para a discussão de outro desejo, muito mais intenso.

A excelente Judi Dench, com sua aguda sutileza britânica, interpreta Barbara, uma mulher solitária, amarga e, à primeira vista, excêntrica. Fascinada pela mais nova colega de trabalho (a professora interpretada por Cate Blanchett), Barbara observa-a e registra suas impressões em seu diário.

O texto do diário, lido em *off* pela voz de Dench, é primoroso, cheio de detalhes, de observações saborosas. Dá vontade de escrever, dá vontade de ler esse texto. E talvez isso seja possível, pois o filme é baseado em um romance.

Interessante notar que os britânicos, há muito tempo, discutem, em seus delicados filmes, assuntos que o resto do mundo prefere ignorar. Gostam de tocar na ferida, quando ela se mostra mais sensível.

Num tempo de caça às bruxas pedófilas, enquanto os hipócritas apontam e condenam, o cinema britânico discute. Foi assim em *Pecados íntimos* (*Little children*). É assim em *Notas sobre um escândalo*.

30/01/2008.

Dreamgirls

Assim é retratada a vocalista do *The dreams*: uma *girl* negra americana sem personalidade; o que, obviamente, reflete-se em sua voz.

A verdadeira artista do grupo é, covardemente, substituída, inclusive em questões amorosas, pela “amiga”, ou seja, Diana Ross, que, no filme, tem um nome fictício e é interpretada por Beyoncé. De um lado, a injustiçada, que é arrogante e, sem sombra de dúvidas, a melhor. Do outro, a mocinha sem personalidade que deixa os outros fazerem as maldades por ela, que, tão inocente, não sabia de nada. Além disso, não poderia faltar o vilão da história, o empresário, o culpado tanto pelas maldades que ninguém quer assumir quanto pelo sucesso das “*dreams*”.

Destaque para a interpretação de Eddie Murphy, em seu primeiro papel não cômico, que eu saiba. Ele devia continuar nesse caminho e abandonar suas piadas de mau gosto. E se não o fizer, pelo menos mostrou ao mundo que sabe fazer algo diferente.

Por fim, se a Diana Ross concordou com a produção desse filme, ou ela é pouco esperta ou muito corajosa, sinal de que amadureceu com o tempo.

03/02/2008.

Onde os fracos não têm vez

Se fosse nos anos 1950, John Wayne seria o xerife Durão e infalível que, no final, mataria o bandido. Mas não estamos nos anos 1950, o xerife é Tommy Lee Jones e não tem mais a firmeza dos xerifes de antigamente, carrega a melancolia e a incompreensão de nossos tempos. E Javier Bardem está longe do bandido sujo, que cospe antes de sacar à traição. Ele carrega a crueldade objetiva e doentia de nossos tempos. Mocinhos e bandidos? Isso não existe mais! Existe, sim, a incerteza.

Os tiros dão medo, se ouvidos dentro da sala de cinema. E Tommy Lee Jones, ator de quem nunca gostei, nesse filme, convence, dá até para sentir certo carinho pelo seu personagem.

Um filme de silêncios, dá para ouvir o barulho dos sacos de pipoca até do público mais civilizado.

Digamos que os irmãos Coen são Tarantinos intelectualizados. Não que o Tarantino não seja algum tipo de leitor voraz; mas lhe falta a *finesse* dos Coen.

12/02/2008.

Corra Lola corra

Borges iria adorar ver esse filme, se ele não fosse cego. (Piadinha sem graça!)

Quem assistiu ao americano *Efeito borboleta*, posterior, terá uma pequena noção da temática de *Corra Lola corra*.

Esses filmes, obviamente, possuem estéticas diferentes, enredos diferentes, são diferentes.

Corra Lola corra faz seu coração acelerar, turva o seu pensamento, tenta fazer com que você não pense, não pense, não pense.

Uma grande diferença desse filme para *Efeito borboleta* é que, em *Corra Lola corra*, há um objetivo. A personagem corre para alcançar um objetivo; o caminho pode mudar, mas o objetivo é o mesmo. Já em *Efeito borboleta*, mudam-se os caminhos e também os objetivos.

Corra Lola corra pode ser um *videogame* e até um videoclipe; mas, acima de tudo, é cinema!

Diferente de *Efeito borboleta*, que nos induz a teorizar, *Corra Lola corra* desperta sensações e isenta-nos de racionalizá-las.

Os atores do filme estão fabulosos!

21/03/2008.

Leões e cordeiros

Comecei a ver *Leões e cordeiros* num dia ruim, num momento ruim. Vi os trinta primeiros minutos e decidi que aquela história era para americano ver, pois questionava a realidade política desse povo. No dia seguinte, mais sereno, resolvi continuar a ver o filme. E soube que ele falava também de mim, não porque sou, como todos nós, influenciado pela política americana; mas porque o filme, definitivamente, fala do quanto somos responsáveis por tudo o que acontece ao nosso redor, por tudo o que acontece no mundo. E a pergunta se faz. Vamos continuar fingindo que não é problema nosso?

28/03/2008.

Juno

Simples; mas não previsível.

De forma alguma é moralista.

Parece que o Oscar, às vezes, é dado com justiça. Afinal, se *Juno* merece um prêmio, é de melhor roteiro (escrito pela ex-*stripper* Diablo Cody). Um roteiro invejável, sem artifícios.

Pensei que era um filme feito para o público adolescente.

Que nada!

A grande maioria das pessoas que apreciou aquela “maravilha” do *American pie* jamais seria capaz de dar o devido valor a *Juno*.

02/04/2008.

Munique

Em 1972, durante os jogos olímpicos de Munique, Alemanha, a delegação israelense é feita refém por terroristas palestinos. Todos os reféns acabam sendo mortos. Diante do fato, a primeira-ministra de Israel decide tomar uma atitude com o intuito de não mostrar sinais de fraqueza diante dos inimigos. É decidido, então, que lutarão com as mesmas armas terroristas. Portanto, um grupo de cinco homens, liderados por Avner (Eric Bana) é encarregado de matar onze homens considerados responsáveis pelo atentado de Munique.

Alguns críticos acharam que o diretor (Steven Spielberg) pecou ao não se posicionar diante do fato. Mas quem ficar atento à interpretação de Eric Bana, que faz o personagem israelense Avner, entenderá que o diretor, como bom artista que é, troca qualquer posicionamento político pelo drama que configura a alma humana; e a alma humana (matéria-prima dos atores) independe de nacionalidade, política ou credo. Realmente, o diretor não diz para você o que pensar. Ele joga diante dos seus olhos uma realidade que você pode até ignorar; mas, se parar para pensar, ficará angustiado diante da impossibilidade de uma solução racional.

20/04/2008.

Cidade baixa

A história é simples e uma constante no cinema mundial. Dois amigos de infância apaixonam-se pela mesma mulher, e a amizade é violentamente abalada. Seria mais um repeteco dramático se *Cidade baixa* não tivesse como cenário a Bahia, se nos papéis principais não estivessem Lázaro Ramos e Wagner Moura, além de Alice Braga, e se o triângulo amoroso não fosse composto por: uma dançarina (prostituta), um assaltante de farmácia e um lutador de boxe vendido.

Alguns filmes nacionais, *Cidade baixa* é um deles, trazem uma temática naturalista. O velho determinismo que cria produtos do meio. Assim, é impossível ver os seus personagens vivendo uma vida diferente da que vivem na realidade das periferias brasileiras.

O mundo vende sonhos, mas não vende asas.

Sexo, sangue, vômito, cigarros, cerveja, droga, palavrões, melancolia, desejo, ciúme, instinto.

A miséria aproxima o homem do instinto, do animalesco, do selvagem.

Contudo, *Cidade baixa* não é um filme que vende a miséria; pois a miséria é pano de fundo. A dramaticidade do filme está no desejo que une os três personagens, no sangue e no gozo e na dor que unem os três personagens.

08/06/2008.

Crash

Dramático. Tenso. Angustiante. Forte. Trágico.

Lembra-se daqueles filmes americanos que falavam do forte e violento racismo presente nos anos 1950 e 1960? Negros que não podiam sentar-se nos mesmos bancos de ônibus que os brancos, além de outros absurdos? Não, não se vê isso em *Crash*.

A princípio parece que o filme, de forma escancarada, vai falar do racismo americano do século XXI. Negros, brancos, latinos, asiáticos, árabes. E realmente fala; mas o elemento humano, independente da raça, faz-se presente com uma força incrível.

Em um segundo momento, parece que os americanos respiram o racismo, um sentimento aparentemente natural entre eles, um racismo que existe da mesma forma que o ar que respiramos.

E, então, tudo se confunde, ações e sentimentos se contradizem, a música toca ao fundo, e o homem vai se mostrando em sua melancólica mediocridade.

22/06/2008.

Zuzu Angel

Todo filme alvo de muita propaganda gera em nós expectativas bem maiores do que a que deveríamos ter. Assim é *Zuzu Angel*. Mas isso não o torna menor. Ele é grande por sua simplicidade; uma simplicidade que não esperamos encontrar em um filme assim.

Patrícia Pillar está ótima, como sempre esteve; mas nada fora do que já estamos acostumados a ver. No entanto, sua personagem tem rompantes que nos fazem arrepiar, encher os olhos de emoção.

Zuzu é uma mulher comum, uma costureira das altas rodas, uma artista sem muita consciência desse fato; mas que de repente incorpora uma mãe poderosa, uma mulher com uma força invejável, que, naqueles momentos mais críticos, diz as palavras certas, no tom certo, e demonstra uma confiança e uma força que todos nós queremos ter naqueles momentos críticos em que somos desafiados.

Daniel de Oliveira continua muito bem, obrigado. Nas cenas de tortura, parece que está mesmo sentindo aquelas dores, seus gritos atingem nossa alma. Mas achei que tais cenas foram poucas. Não, não sou um sádico. É que alguns filmes brasileiros, principalmente da Globo Filmes (que tem interesses outros), parecem ter receio de serem crus, realistas. Senti falta de sair do cinema com nojo desses militares ditadores filhos de uma puta.

Luana Piovani. Nunca gostei de suas interpretações. Mas devemos sempre dar uma chance. Os críticos, no entanto, já tinham malhado tanto a interpretação dela, que já fui meio que buscando

defeitos. Realmente, para interpretar Elke Maravilha, teria de ser, no mínimo, uma atriz mais expressiva. Quem viu aquele filme sobre a vida do Garrincha e a interpretação da Thaís Araújo, no papel de Elza Soares, quem viu entende o que estou querendo dizer com "expressividade".

Não poderia deixar de citar o Caio Junqueira, que nunca ganha um papel principal; mas é um dos melhores atores deste país. Atua desde a infância e nasceu formado. Não sei por que ele não é mais valorizado. Talvez porque não seja o estereótipo de galã, apesar de ser bem bonitinho.

Uma cena que vou levar comigo: quando o personagem Stuart fala do sonho e da realidade; diz que às vezes a realidade impede a realização dos sonhos. E como isso é real!

Enfim, *Zuzu Angel* é um belo filme, merece ser visto. A história emociona.

O que me atrai em um drama é que, depois de ser tocado nas minhas mais profundas emoções, por algum tempo, consigo me separar de mim mesmo, deixo de olhar para o meu próprio umbigo e vivo a emoção dos personagens, o que eu jamais viveria se não fosse por eles. E uma sensação de que há algo maior do que o meu Eu me preenche, e sinto certa paz. É a tal da catarse.

13/07/2008.

Plata quemada

O amor bandido nasce e se cria na adversidade. O carinho e a violência se misturam num equilíbrio que seria perfeito se pudéssemos compreender essa relação que dizemos ser doentia; mas somos profundamente ignorantes em relação ao mais profundo da alma humana.

É intenso o amor bandido porque a paixão pertence aos seres que se opõem à lei e se entregam à carne, sem medo ou censura, alheios a tudo que não é palpável. Por isso, o suor está tão presente, a saliva, o esperma, o sangue, a dor está tão presente e concreta.

Plata quemada conta a história de Nene e Ángel, dois homens apaixonados, dois lindos bandidos. O filme tem origem no livro de mesmo nome escrito por Ricardo Piglia. Ainda não o li, o que me impede de fazer comentários idiotas como: “O livro é bem melhor”.

Posso dizer que o filme é muito bom, é intenso. Ricardo Piglia baseou-se numa história real acontecida em 1965. Naquele ano, “*los mellizos*” viviam intensos momentos de sua violenta paixão, em meio a vozes, carícias sinceras, desejo e sangue.

14/09/2008.

Elza & Fred

Você olha para as estantes da locadora e descobre que já viu a maioria dos lançamentos e que os lançamentos que ainda não viu não lhe interessam nem um pouco. Então, você começa a caminhar, vai lá para o fundo, num lugar escondido onde estão os melhores filmes do mundo; mas que ninguém quer ver, porque, na maioria das vezes, as pessoas usam o cinema para esquecer a vida e não para refletir sobre ela.

São poucos os filmes que falam da velhice, é outra coisa da qual as pessoas querem fugir, até mesmo os velhos. Vivemos numa época em que fugimos de tudo, em que a ilusão vale ouro. Mas eu encarei *Elza & Fred*, na altura dos meus trinta e poucos anos, e chorei, não por eles, mas por mim, pois tive aquela sensação de que o tempo está passando e de que estou perdendo, perdendo qualquer coisa que não sei bem o que é, talvez a felicidade. Pois, a cada dia, nós perdemos. Também ganhamos. Entretanto, o medo das perdas é tão grande, que os ganhos não passam de pequenos prêmios guardados numa gaveta.

Chorei e sorri com esses dois personagens tão encantadores e tão assustadores, pois mostram-me o meu provável e temido caminho.

Que vontade de não perder mais, de valorizar os ganhos, de viver com gozo a vida. E por que não vivo então? Pergunta difícil.

Prefiro refugiar-me na ilusão. Prefiro imaginar que, um dia, beijei um Marcello Mastroianni muito jovem,

com sua pele tão lisa, efeito do cinema em preto e branco. Prefiro pensar que fui o amante mais amado do Marcello e ter saudade de algo que não vivi, simplesmente porque eu disse “não” à vida.

23/11/2008.

21 gramas

Acho que o grande segredo do filme é a ótima edição, além de atuações intensas e uma dor latente que, de repente, explode.

A vida continua; mas, depois de grandes dores, não continua da mesma forma.

Benicio del Toro, Shean Penn e a pergunta: “Quanto pesa uma vida?”.

21/12/2008.

Espíritos

Essa produção tailandesa passou nos cinemas brasileiros no primeiro semestre de 2006. Um dia desses, sem muitas opções nas telas, eu quase assisti. Mas não o fiz. Agora, resolvi conferir em DVD.

O primeiro motivo que me levou a assistir a esse filme foi o fato de ele ser tailandês. Filmes de terror que chegam aos cinemas brasileiros, normalmente, são americanos. Nem os filmes do Zé do Caixão, que, dizem, é muito respeitado no exterior e que fez e faz filmes de terror brasileiros, quase nenhum brasileiro conhece. Eu mesmo só vejo cenas isoladas quando o pobre-diabo, ou melhor, o Zé do Caixão é entrevistado. O segundo motivo foi porque pensei que o filme explorasse o mistério de supostos espíritos "documentados" em várias fotografias em todo o mundo; mas não foi bem assim.

No início, fiquei decepcionado. Parecia uma historinha boba. Por um momento, eu tinha esquecido que a simplicidade é tudo, não só em arte como também em outras áreas da vida. E o filme foi me envolvendo com cenas interessantes. Original? Não, de forma alguma, todo mundo sabe que originalidade não existe. Mas ele tem algo diferente.

Acabei concluindo que, mais do que uma história de terror com boas interpretações, é um filme que, com a simplicidade tailandesa, fala do amor traído, do limite entre o amor e o ódio, da obsessão, do desejo de vingança que nos acomete quando somos rejeitados. Ou seja, o filme é bem humano.

Parece que outros filmes tailandeses foram ou estão sendo feitos na mesma linha. Isto é, começou a banalização. Mas é assim mesmo. Acho que isso nós brasileiros não fazemos ainda, o ato de banalização do cinema, a repetição de fórmulas. Aliás, minto. Começamos a fazer isso sim. A indústria do cinema aqui vem crescendo e, com isso, a banalização é inevitável. Mas a banalização é muito bem-vinda; pois, no rastro dela, muitas produções maravilhosas vão alcançando visibilidade. Afinal, todo *show* merece um mestre de cerimônias. As estrelas chegam sempre depois.

04/01/2009.

Mamma mia!

Se nunca gostou da banda ABBA, esqueça, esse filme não é para você. Porque o filme só existe em função da ABBA, é um grande e belíssimo videoclipe. A sensação que temos é de que o(a) roteirista é fanático(a) por ABBA. Consequentemente, nós que nos arrepiamos com cada uh-uh desse grupo, também amamos o filme. Um filme alegre, divertido, emocionante, com *boys* lindos e *girls* espetaculares (deuses gregos e afrodites). Com Meryl Streep, que seria boa até se fizesse um papel secundário em telenovela mexicana. Meryl canta? Não sei, acho que não. E ela não precisa. Ela sempre será a *dancing queen* de qualquer baile, sempre. O filme tem aquela profundidade cinza cor-de-rosa da ABBA, profundidade disfarçada de superficialidade. Isso é ABBA. *Mamma mia!* Meu filme cinza cor-de-rosa, meu filme cor-de-rosa cinza.

21/02/2009.

Desejo e reparação

Ao final do filme, veio-me à mente a resposta para uma pergunta. Entendam, a resposta veio antes da pergunta. E a pergunta é: O que faz um escritor? E eis a resposta: Ele cria ilusões. O motivo e a importância de criar ilusões não cabe a mim esclarecer.

Desejo e reparação fez-me chorar, pensar, desejar e odiar. Só um filme britânico sabe fazer isso. Só atores britânicos (arrisco-me a ser injusto com algum ator estrangeiro porventura parte do elenco) sabem fazer isso. A sutileza marca esse filme. Com ela, a intensidade da ilusão, os olhos azuis da realidade, o orgasmo contido por trás de uma paixão.

Senti-me vivo, senti-me intensamente criador, deus partícipe desta ilusão: a vida.

24/02/2009.

Capote

Oscar de melhor ator merecidamente entregue a Philip Seymour Hoffman.

Não sou especialista em arte dramática; mas creio que o adequado seria dizer que esse ator apresentou técnicas perfeitas de expressão corporal. Quem conheceu o Truman Capote diz que o Philip Seymour Hoffman ficou igualzinho ao original. Eu tive de me contentar em ver o Truman Capote numa gravação antiga que fez parte do *making of*. Realmente, está idêntico.

Capote conta o processo de criação do livro *A sangue frio*, de Truman Capote, escritor americano, declaradamente homossexual, autor de *Bonequinha de luxo*, que, aliás, é um clássico do cinema.

Em catorze de abril de 1959, quatro membros de uma família do interior, no sul dos Estados Unidos, foram assassinados. Truman Capote vai fazer uma reportagem sobre o caso e acaba decidindo escrever um livro, *A sangue frio*, que conta a história de um dos assassinos. O desfecho da história ocorre em 1965, quando os dois assassinos são executados: enforcados.

Com o livro *A sangue frio*, Truman Capote pretende revolucionar o mundo literário americano da época com um romance de não ficção. Fato é que Capote fica obcecado por escrever essa obra. Para isso, acaba tendo uma relação homoerótica com um dos assassinos com quem se identifica no momento em que este começa a relatar-lhe sua história. E, assim, Capote mantém os condenados à morte vivos

por cinco anos, pois consegue advogados para recorrer e recorrer. Mas chega o momento dramático em que o escritor precisa de um final para o seu livro. E esse final só será possível com a execução dos assassinos.

A sangue frio foi o último livro terminado pelo escritor, que morreu quase vinte anos depois, em 1984, vítima do alcoolismo.

Por mais que eu escreva, não conseguirei mostrar a genialidade do filme. “Sutileza” talvez seja a palavra para defini-lo. Mas “sutileza” acaba sendo uma palavra para definir todos os bons filmes. Então, eu me calo.

01/03/2009.

Mandela: luta pela liberdade

O título original é *Goodbye, Bafana*. Como podem ver, não tem muito a ver com o título brasileiro. A sensação que tenho é de que as pessoas responsáveis por essas traduções apenas leem a sinopse e, guiadas por achismos, colocam um título qualquer.

O título original diz muito mais do filme, de sua essência. O título brasileiro dá a sensação de que vão contar a vida de Nelson Mandela, esse personagem tão forte e admirável. Mas não, o personagem vivido pelo monumental Joseph Fiennes é que é o centro desse filme. Um filme que nos faz pensar em algo que, infelizmente, encontramos em poucas pessoas: a força de caráter.

Para alguns, o conflito é grande quando se veem forçados a viver, ou melhor, sobreviver segundo as normas vigentes. E normas sempre há, essa força invisível que nos ordena a todo o momento que façamos a coisa “certa”, ou seja, que obedeçamos.

É a força de caráter que nos faz arriscar tudo e seguir conforme o bom senso, não o bom senso dos covardes, mas o bom senso absoluto, aquele que vê não o que interessa, mas o que é. E, nessa luta entre o egoísmo e a razão, a origem fala mais forte, pois caráter é moldado na origem, é uma herança valiosa que os pais podem e devem legar a seus filhos.

Caráter. *Goodbye, Bafana* fala de caráter, aquilo que lhe dá força para continuar apesar das perdas, apesar das injustiças.

Todos nós temos uma escolha: viver uma vida medíocre e covarde ou posicionar-se diante dela e resistir.

Os covardes não podem entender isso. Mas as pessoas de caráter, sim.

22/03/2009.

A máquina

Já de cara vou dizendo que tenho birra com a Mariana Ximenes. É pura birra mesmo, coisa inexplicável. Tenho a sensação de que ela faz sempre o mesmo papel; apesar de ser uma atriz talentosíssima. Portanto, quando o filme foi anunciado para os cinemas, torci o nariz. Pois não é que a Mariana Ximenes abalou um pouquinho da minha birra? Mas um pouquinho só.

O filme é da Globo Filmes e segue a receita das comédias românticas, mas com sotaque nordestino. O ator principal, Gustavo Falcão, está maravilhoso. Mas, durante todo o filme, fiquei com a impressão de que aquele papel era do tamanho certinho do Mateus Nastchergale.

Uma cidadezinha fictícia, chamada Nordestina. Um cenário lindo, visivelmente cenário, quero dizer, artesanal, pelo menos em aparência, arte pura. Nesse cenário, a personagem de Mariana Ximenes (com sotaque), acho que é Karina o nome dela, quer ganhar o mundo. (A mocinha sonhadora, que todo mundo conhece.) O personagem do Gustavo Falcão (não é que me esqueci do nome!) não quer sair de Nordestina; mas ama Karina, e, por isso, vai buscar o mundo para ela. Propõe, em rede nacional, viajar cinquenta anos para o futuro ou morrer estraçalhado por uma máquina com lâminas cortantes. Tudo isso para trazer "o mundo" para Karina.

O filme é poesia pura, humano pra caralho, com uma trilha sonora gostosa que "só veno!". E tem a excelente presença de Paulo Autran, que dispensa

comentários, além de Prazeres Barbosa e seu forrozinho arretado de se ouvir.

01/05/2009.

O corajoso ratinho Despereaux

Uma ratazana que não era igual a todas as ratazanas. Um rato que não era igual a todos os ratos. Uma criada que queria ser princesa. E uma sociedade que elimina aqueles que pensam diferente.

Alguém já viu essa história?

É a história da sociedade em que você vive.

Se você é só mais um, talvez não a reconheça, pois faz tanto parte dela que não consegue ver o quão daninha ela é. Afinal, você é um dominado, totalmente controlado, um cordeirinho obediente desse sistema, que, de tão perverso, não mostra a cara.

Leia!

Leia muito.

Do contrário, será apenas mais uma ratazana que vive como uma ratazana, ou um rato que vive como um rato, ou uma criada que sonha ser uma princesa.

Seja mais do que isso.

20/06/2009.

O leitor

Aquela lembrança do adolescente que eu não mais sou. Esta sensação de que só na adolescência nós experimentamos, verdadeiramente, a vida.

Deu vontade de sentir de novo aquele meu corpo que pulsava de medo, de sonhos, de desejo, de tesão, de amor, de raiva, de dor, de encantamento e de horror. Ali eu era realmente homem, porque ali eu era desejo e emoção, porque ali eu era realmente bicho. Mas, na arte como na vida, a explosão sensorial foi substituída pela angústia e pela busca de sentido, e tudo pareceu bem mais complicado do que apenas sentir e reagir.

Pois somos maravilhosamente complexos. Não somos bons ou maus, somos pessoas, inebriadas de sentimentos e sensações, apenas pessoas, complexas, fragmentadas, ambíguas. Não somos vilões e nem mocinhos, somos pessoas.

23/08/2009.

Milk

Num tempo em que a Parada do Orgulho *Gay* era mais do que uma marcha de alienados em busca de prazer, Harvey Milk lutou para que os *gays* não perdessem seus direitos civis, uma luta contra conservadores religiosos que usavam Deus para justificar sua ignorância e perversidade.

Devemos render homenagens ao movimento *gay* do passado e também do presente. Se hoje podemos falar e vivenciar, com alguma liberdade, o nosso desejo, é a todas essas pessoas que fizeram e fazem parte desse movimento que devemos isso.

E a esses pobres infelizes que vivem enrustidos, com medo e com vergonha de si mesmos, é preciso dizer que pessoas foram presas, espancadas, humilhadas, que choraram, sofreram e morreram para que eles pudessem usufruir de um direito que lhes pertence, o direito ao desejo.

E quanto ao conservadorismo das religiões, não devemos permitir que estas usem a palavra de um deus para dominar e oprimir as pessoas. Não sejamos cordeiros, sejamos cidadãos conscientes, pessoas pensantes e independentes. Contra a fé burra, alimentemos sempre a razão. E não permitamos que o moralismo insano acabe com a esperança.

23/08/2009.

Dúvida

Não é mais preciso prestar homenagens a Meryl Streep, ela é sensacional, não há como ser original ao opinar sobre ela. E a personagem que ela interpreta nesse filme é espetacular, fascinante. Mas, sinceramente, o que mais impressiona nesse filme é o roteiro. O título, tão sucinto, diz tudo. E essa “dúvida” acompanha-nos todo o momento. Cada frase dos personagens nos traz a dúvida.

Deu inveja, queria escrever um roteiro assim. E não dessas ridículas “invejas boas”, discurso de moralistas hipócritas. Não! É daquela inveja mais corrosiva mesmo, a verdadeira, aquela que surge somente quando o invejado é espetacular. Que vontade de queimar o roteiro e escrever outro, ainda melhor! Claro que isso é impossível, não há como pôr em dúvida a qualidade dessa obra.

É fascinante quando alguém joga na cara das pessoas que a dúvida é bem mais real do que a fé.

31/10/2009.

Salve geral

Fui ao cinema ver esse filme, e ele mexeu comigo. É sempre bom quando as pessoas mostram o outro lado da história; pois há sempre um lado que sobressai a outro, e esse lado sobressalente é sempre aquele que pretende manter a ordem, ou seja, a ignorância.

Em 2006, uma onda de crimes assolou São Paulo, policiais foram mortos nas ruas, os brasileiros ouviram falar em um tal de PCC e São Paulo parou. Aliás, uma das melhores cenas do filme é quando Andréa Beltrão atravessa uma faixa de pedestres na cidade de São Paulo, em uma grande rua ou avenida deserta.

Nesse ano, ficamos chocados com a “onda de violência” e temerosos de que os presos se revoltassem também em outros estados, que a guerra fosse declarada enfim. E a imprensa mostrava os mortos, pessoas de bem etc., e comovia a população; pois, em nosso país, o maior apelo é o emocional, a razão é posta em segundo plano.

É claro que todas aquelas vítimas merecem homenagens e respeito. Mas há outras vítimas que deviam ser mencionadas, a população carcerária de nosso país. Estou cansado de ouvir alguns (ou tantos) imbecis que dizem que a Comissão para os Direitos Humanos só defende bandido. Acho que o dever da Comissão é defender “humanos”, independente de quem sejam, não é mesmo? E se esses “bandidos” estão sendo alvo da preocupação da Comissão para Direitos Humanos é porque, gritantemente, seus direitos não estão sendo respeitados.

Os humanos encarcerados, em nosso país, vivem como bichos. É chocante ver um bando de homens amontoados em uma cela fétida e suja, sob a violência do Estado e dos colegas de cela, que só conhecem a lei da selva.

A nossa sociedade quer tanto provar que essas pessoas são más, que acabam transformando-as em vítimas, dada a crueldade com que trata esses indivíduos que se desviaram do "caminho certo".

Então, surge esse tal de PCC, o Partido, apontado como uma "facção criminosa", e deflagra a "revolução". Algo inevitável, já que o sistema carcerário, em nosso país, é um barril de pólvora. Tudo só pode dar em merda mesmo.

Agora, novamente, a imprensa coloca o foco sobre a guerra entre traficantes e entre traficantes e a polícia, no Rio de Janeiro. O Brasil, em relação à segurança, está um caos. E não adianta o pré-sal, não adianta a economia estar forte, não adianta ser um país "em desenvolvimento", não adianta nosso presidente ser "o cara"; tudo isso vai por terra, se a violência não for contida. E conter tal violência não significa amontoar pessoas como se elas fossem coisas sem valor, como se fossem pedaços de carne podre.

Como solucionar o problema? Dinheiro aqui é o que não falta. Falta aquilo que é contrário ao caos: organização. E, além disso, faltam competência e comprometimento. Acho que projetos não faltam. Mas ninguém está interessado em executar projetos, dá trabalho de mais. É mais fácil dizer que bandido merece morrer, que merece sofrer, até o "caldo

entornar”, e todo mundo virar bandido, na luta pela sobrevivência.

Pobres de nossos filhos, que pagarão o preço pela venda que insistimos em manter sobre os nossos olhos.

E onde está a Justiça brasileira que permite que homens vivam amontoados em pequenas celas? Uma Justiça marcada pela imponência de magistrados, a maioria deles fruto dessa classe média burra, que busca um título de juiz pelo *status*. Como posso acreditar na Justiça brasileira se as pessoas sob a tutela do Estado são tratadas como animais? Aliás, pior do que animais, pois a Sociedade Protetora dos Animais, no Brasil, é mais respeitada do que a Comissão para os Direitos Humanos. E não estou dizendo que os animais não devam ser respeitados, devem sim e muito, pois nenhum animal merece ser maltratado, nem mesmo o “bicho homem”.

E como nossa sociedade se julga no direito de dizer que é melhor do que os bandidos se é tão cruel quanto o assassino mais sádico? Aliás, até esse assassino mais sádico, infelizmente, faz parte da sociedade. Somos responsáveis por tudo isso, queiramos ou não, fazemos parte dessa coletividade.

De uma sociedade tão perversa, só podemos esperar a crueldade e a violência legalizadas que o Estado impinge sobre esses homens, e sobre as mulheres também, pois os presídios femininos existem; mas parece que a violência masculina sempre foi e é mais gritante, crua, menos sutil, portanto, menos “controlável”.

E quem dera este meu texto pudesse solucionar todos os problemas. Ele só vai provocar a revolta de alguns, aqueles que lucram com o caos, e a incompreensão da grande maioria, pois a ignorância é a maior forma de controle.

Às vezes fico pensando em como seria um mundo sem Estado e sem religiões, portanto, sem família. O ser humano descobriria, enfim, sua verdadeira liberdade, sua individualidade, sem ilusões criadas por um sistema que tem na família a sua fonte de riqueza, um sistema que criou uma coisa chamada “solidão”, para dar aos seus dominados a ilusória sensação de que a família pode eliminar o vazio de suas existências.

31/10/2009.

Calígula

"Ousadia" é o adjetivo que melhor caracteriza esse filme. Imagino o quanto as pessoas da época ficaram chocadas no lançamento, pois ainda hoje ele consegue chocar muita gente.

Que obra fantástica!

Com um elenco que conta com atores reconhecidos mundialmente, atores consagrados, como Malcolm MacDowell e Peter O'Toole, *Calígula* ousa misturar a arte com a pornografia, se é que as duas são, necessariamente, dissociáveis. E a pornografia dá ao filme o tom realista que o impede de ser considerado mais uma daquelas histórias cansativas sobre o Império Romano.

Os atores consagrados que mencionei não participam do sexo explícito, reservado a outros atores e atrizes que, imagino, vieram do cinema pornográfico da época; mas que, no entanto, foram imortalizados por esse clássico do cinema mundial. Finalmente esses atores e atrizes puderam fazer algo além de apenas "entreter" homens e mulheres em busca de excitação.

Anos atrás, certa pessoa, intolerante e de horizontes menos vastos, dizia-me que pornografia e arte não se misturam, ou é uma coisa ou é outra, quando eu lhe falava sobre o filme francês *Romance X*, ao qual, aliás, a pessoa referida nem tinha assistido. De qualquer forma, quero vê-la sustentar sua visão curta diante de um filme consagrado como *Calígula*, incontestavelmente artístico.

Quando digo que há pornografia no filme, é porque é pornografia mesmo, com pênis eretos em

explícita ejaculação, masturbações masculinas e femininas, sexo oral.

Calígula seria um presente para os psiquiatras do século XIX, já que reunia em si todas as perversões possíveis e inimagináveis. Um louco esse Caio Calígula, que, entre 37 e 41 d. C., se não me engano, comandou, tirana e tresloucadamente, a Roma pagã, viveu uma história incestuosa com sua irmã, cometeu os excessos do poder e atribuiu-se o *status* de “deus”, cercado de gozo e dor, fascinado pela morte, em meio à tragédia e à animalidade.

É interessante pensar que o lugar onde houve tanta luxúria e excessos, hoje é o símbolo da fé cristã, da luta contra o pecado. O mundo dá muitas voltas mesmo. Não consigo nem imaginar como será Roma daqui a dois mil anos.

Ainda bem que tudo é mutável, apesar de alguns acreditarem que o poder pode ser eterno; afinal, ainda existem muitos loucos por aí.

30/01/2010.

Segredos do porão

O roteiro é fraco; em alguns momentos, ingênuo. No entanto, apesar de ser uma produção de baixo custo, o filme é de qualidade.

Há cenas que nos dão aquela certeza de que aquilo é cinema, cinemão mesmo! O movimento de câmera é bem interessante, os efeitos e as cores também. Tecnicamente, de boa qualidade. Mas dá vontade de cortar, tirar aquelas cenas que ficaram ruins, deixar só as boas.

As atuações, com uma ou outra ressalva, são boas, há mesmo uma ou outra espetacular. A direção parece tocada de sensibilidade.

Esse filme é mesmo assim, ele consegue agradar e desagradar ao mesmo tempo, não temos escolha. Você nunca vai conseguir dizer que é uma porcaria. Mas também não vai conseguir dizer que é magnífico. O fato é que ele tem algo, o fato é que a arte transita por ele. Além disso, ele é especial, pois é uma produção barata de qualidade.

Acho que é muito mineira essa tendência de ser severo com o que é nosso. O filme é da terra, o primeiro longa-metragem produzido em Sete Lagoas, feito com mais coragem do que recursos financeiros. Ainda assim, procurei defeitos. Somos severos demais com os filhos da terra. Mas o filme me surpreendeu; além dos defeitos, encontrei qualidades.

Segredos do porão foi exibido aqui no cinema da cidade, no auditório da Reitoria da UFMG (Projeto Cine 0800) e deve ter percorrido também alguns outros espaços. E agora está em DVD. E isso é fantástico, pois

sabemos que a distribuição de filmes nacionais no Brasil é problemática.

Foi impossível não sentir orgulho daqueles que participaram desse trabalho. Fazer cinema no Brasil é difícil, fazer arte aqui é quase improvável.

Apesar das ressalvas, acho que vale muito a pena conferir. Aliás, sempre vale a pena conferir qualquer produção nacional.

14/02/2010.

Chico Xavier

Entrei no cinema, à espera de ver a história de um homem e acabei assistindo à história de um santo.

Sei que a Globo Filmes faz filmes comerciais, o lucro é seu grande objetivo; o que nem sempre impede a produção de um filme de qualidade. Mas, nesse caso em particular, é visível o objetivo de agradar tanto ao público espírita quanto ao público católico. É um filme com público específico, que pode desagradar àqueles que não compartilham de tais crenças.

O objetivo de santificar o homem é evidente. Se o filme fosse sobre a vida de Santo Antônio ou outro santo qualquer, seria a mesma coisa, só trocaram a história de um "santo" por outra.

No filme *Bezerra de Menezes*, achei que se falou mais da doutrina do que do personagem, o que muito me desagradou. Em *Chico Xavier*, fala-se bastante do personagem; porém, a mistura de espiritismo com catolicismo é gritante. Só faltou sugerirem que a Igreja canonizasse esse homem.

O clima na sala de cinema era de missa, com certa veneração mais do que respeito.

A princípio, não tenho nada contra Chico Xavier. Aliás, ninguém tem. Nem mesmo os ignorantes e fanáticos de religiões que consideram o kardecismo um culto ao diabo, não podem apontar nenhuma má ação praticada pelo Chico Xavier.

Faltou, no filme, algo presente em qualquer obra artística crítica, faltou conflito! Mostrar uma pessoa de carne e osso, com dúvidas, com medos, com questões.

Talvez isso ainda não seja possível, uma vez que a morte dele é relativamente recente. E, ao que tudo indica, acho que nunca será possível, já que a “beatificação” de um homem privilegia a idealização e mata a realidade.

Mania que o povo brasileiro tem de endeusar aqueles que fazem coisas que a maioria dos homens é capaz, mas não tem nenhum interesse em fazer. É uma forma de isentar-se da responsabilidade. Haverá sempre o argumento: “Não posso fazer isso porque não sou santo”.

Chico Xavier também não foi e não é santo, e acho que ele concordaria comigo. Não estou dizendo que ele era um “pecador”, não é isso, estou dizendo que os homens superiores não se sentem superiores e que os santos são ficções da Igreja. Pois ele fez o que todo homem pode fazer se quiser. O altruísmo é uma escolha, que muita gente não faz mas que também não reconhece que não faz.

Espero que parte da renda do filme esteja sendo destinada para a caridade, como gostaria Chico Xavier; pois só assim o filme se justifica.

09/05/2010.

Lula: o filho do Brasil

Ao ver o filme, de repente, sua ficha cai. O presidente veio do povo; mais, ele nasceu na miséria.

A miséria em nosso cinema, que muitos criticam, talvez porque nunca estiveram perto dela, tem muito a ver com a nossa identidade, já que a maioria de nós brasileiros não nasceu em condomínio de luxo, acreditando que a vida é um *shopping center*.

O problema é que os produtores do filme se precipitaram, lançaram-no antes da hora. Deviam ter esperado o mandato do presidente acabar, para que as pessoas, como aconteceu, não confundissem um dramalhão com uma campanha política, já que as campanhas políticas adoram usar dramalhões para comover o povo. Além disso, acho que talvez o filme não tenha conseguido ser devidamente crítico, pois é complicado analisar a vida de um personagem ainda vivo.

No mais, o filme não seria nada sem a personagem D. Lindu. Mais do que isso, não seria nada sem Glória Pires. Ela, junto com a personagem, é a alma do filme. Glória Pires! Cada vez que ela aparecia, eu começava a chorar. A sua personagem, D. Lindu, mãe do Lula, é, simplesmente, apaixonante. Que bom que o nosso cinema está tendo a chance de contar com uma atriz como essa. Que bom que ela não acabou se tornando apenas mais uma atriz de telenovelas, obrigada a fazer sempre um mesmo papel, adequado ao seu perfil.

Glória Pires é a nossa maior estrela; depois, é claro, de Fernanda Montenegro.

30/05/2010.

Do começo ao fim

O filme começa com a seguinte citação: “Algumas pessoas olham o mundo e perguntam: Por quê? Eu penso em coisas que nunca existiram e pergunto: Por que não?” (George Bernard Shaw).

Diante dessa história, desse amor infinito, maior do que qualquer regra ou limitação social, pessoas como eu, por um momento, deixam o ceticismo de lado e acreditam na ilusão, sentem a esperança de que o amor incondicional possa ser algo real.

Quando o filme acaba, no entanto, meus olhos vermelhos pelas lágrimas olham em torno e veem a dureza característica da vida material e percebem outra realidade. É, voltei a ser uma formiga. Mas, por um momento, senti que podia ser uma cigarra.

Parece existir algo muito além, que somente às vezes algumas pessoas especiais conseguem alcançar. Durante todo o filme, pude levantar a cabeça deste mar sufocante em que estamos imersos e vislumbrar um pouco dessa luz.

Do começo ao fim é pura sensibilidade! Arte elevada à décima potência!

28/08/2010.

Laranja mecânica

O rosto do personagem Alex, interpretado pelo expressivo Malcolm McDowell, aparece na tela. Ele usa o seu chapéu coco, o personagem nos olha desafiador, um olhar de desprezo que ele ostentará durante boa parte do filme. Nesse olhar, vemos a arrogância tão característica da juventude; nesse caso, representada por um rebelde sádico e cruel.

Alex e seus três comparsas vestem-se de forma igual; porém, Alex tem um diferencial, cílios postiços em um dos olhos. Ele precisa destacar-se dos outros, pois é o líder do grupo. À frente deles, na leiteria Konova, dois manequins femininos, deitados em posições opostas, ambos com um dos joelhos entre as pernas do outro. Durante todo o filme, a mulher será retratada como um objeto em um mundo masculino em que impera a violência.

O narrador apresenta-se e aos seus três “drugues”: Pete, Georgie e Dim. No decorrer do filme, ouviremos palavras novas, neologismos que nos fazem lembrar as gírias tão características da juventude. O roteiro é repleto de neologismos, que vamos assimilando pelo contexto. Na leiteria Konova, Alex e seus “drugues” tentam “rassudocar” o que farão naquela noite. A leiteria serve leite com “velocete”, “sintemesque” ou “drencrom”. Segundo o narrador, esse leite “aguça e deixa você pronto para um pouco da velha ultraviolência”.

E é dessa “ultraviolência” e das tentativas frustradas de controlá-la, ou seja, da incapacidade de nossa sociedade moderna em lidar com ela, que

fala *Laranja mecânica*, produzido e dirigido por Stanley Kubrick. O filme mostra os esforços frustrados na tentativa de conter tal violência, além de mostrar certa desesperança diante de uma juventude alienada, sem valores, sem limites e sem perspectivas. Alex não consegue se rebelar por meio das ideias, retrato de uma juventude sem ideologia, e repete os passos de um ditador inconsequente que se regozija com o poder. Alex é um modelo juvenil de ditador, que impõe seu poder pela violência e que o mantém pela crueldade.

Alex e seus “drugues” decidem fazer a “visita-surpresa” daquela noite, invadir uma casa, “para rir e liberar a velha ultraviolência”. Mascarados, agridem com requintes de sadismo um escritor e sua esposa, estupram a mulher violentamente. O poder, por meio do sexo e da violência, precisa ser reafirmado a cada momento por Alex, diante de suas vítimas e de seus “drugues”.

Alex vai para casa, tira seus cílios postiços, coloca em uma gaveta o produto de seus roubos e de outra gaveta tira uma cobra de nome Basil e decide ouvir a *Nona sinfonia* de Beethoven, música da qual ele mais gosta. Em seu quarto, uma pintura: uma mulher nua de pernas abertas. Basil, a cobra, desliza a própria cabeça sobre a vagina da pintura. Os elementos fálicos percorrem toda a obra, o que associa a violência e o autoritarismo a um mundo masculino e perverso. Como um animal, a vida de Alex se reduz ao sexo e à violência.

Por que um jovem burguês se envereda pelo caminho do crime e da violência? Tal questionamento

é bem atual, em um tempo em que ainda vemos jovens bem-nascidos que cometem estupros e assassinatos apenas por diversão, retrato de uma juventude pervertida, bem diferente daquela mostrada no filme *Juventude transviada*, em que o rebelde personagem de James Dean ainda se permitia entregar-se ao afeto e à angústia.

A juventude encarnada por Alex é completamente egoísta e fria, destituída de valores e insensível à dor alheia e a qualquer angústia existencial.

Alex e seus “drugues” decidem invadir um spa. É importante ressaltar que, nas invasões, Alex está sempre usando uma máscara com nariz de Pinóquio, mais um símbolo fálico. Aliás, nesse lugar, há uma escultura de um pênis sobre um móvel. E é com esse pênis que Alex golpeia e mata a dona do spa, um golpe violento no rosto. O poder masculino é mais uma vez reafirmado. A mulher, que, com coragem, reagiu à invasão e tentou impor sua autoridade sobre Alex, é aniquilada violentamente por um pênis, símbolo do poder masculino.

Porém, Alex é preso, agredido, julgado, condenado a catorze anos de prisão e levado para um presídio em que há disciplina militar e a rígida palavra de Deus. Assim, o Estado tenta recuperar com a rigidez e a intolerância, e a Igreja com a fé e a palavra de Deus, ambos sem sucesso. Alex, então, passa à tutela da ciência.

Com grampos nos olhos, que o impedem de piscar, a cabeça imobilizada e uma camisa de força, Alex é exposto a filmes de violência e sexo, em mais de uma sessão diária, durante quinze dias, além de

receber doses de uma droga em fase de teste. O resultado é que, diante do sexo e da violência, Alex passa a sentir vontade de vomitar. E, “curado”, consegue a liberdade.

Vemos então um processo de “purificação”, o nosso anti-herói recebe o desprezo e é punido fisicamente por todas as suas vítimas. Acaba batendo à porta do escritor a quem agrediu no passado, que o prende em um quarto e o obriga a ouvir a *Nona sinfonia* de Beethoven, já que Alex foi condicionado também, por acidente, a não suportá-la. Não é só vingança, o escritor faz parte de um grupo político que se opõe ao governo.

Ao ter contato com o sexo, a violência ou a *Nona sinfonia* de Beethoven, Alex sente não só vontade de vomitar, mas também de se matar. Preso no quarto, Alex sofre e grita. E acaba pulando da janela e quebrando braços e pernas. A tentativa de suicídio faz a opinião pública condenar a experiência de que Alex foi cobaia. Mas ele entra em acordo com o ministro que comandou a sua “cura” e consegue um cargo junto ao governo, ou seja, terá novamente o poder em suas mãos.

Assim, o filme termina com Alex se imaginando em uma cena de sexo, assistida por pessoas da sociedade, que aplaudem a sua virilidade. Sua “cura” parece finalmente revertida, e o poder está de novo em suas mãos. Diante disso, Alex diz, contrariando a ciência que o condicionou ao bem, que está finalmente curado, e assume, assim, a sua real e cruel natureza como a sã e o condicionamento sofrido como um mal.

Laranja mecânica mostra o autoritarismo e o machismo como os elementos perversores da juventude masculina, que não sabe se impor pelas ideias, imbecilizada pela facilidade do consumo e incapaz de entender a vida em coletividade. Jovens e cruéis ditadores que se impõem pela violência e levam ao extremo a lei do mais forte. Produtos de uma sociedade doente, que busca soluções ineficazes e extremas para corrigir o incorrigível: uma mente pervertida e inutilizada pela ausência de valores morais.

19/09/2010.

Flor do deserto

De repente, a vida me diz que há coisas que, simplesmente, devemos aceitar. Difícil isso para um inconformado como eu. Mas, talvez, a aceitação seja uma característica da maturidade.

E, também de repente, eu, imerso em meus probleminhas, em minhas dificuldadezinhas, em meu complexo sentir, tiro os olhos do meu próprio umbigo, paro de contemplar-me, melancólico, nas águas de Narciso, e deparo-me com uma flor do deserto mutilada pela ignorância humana.

Conformar-me eu? Impossível. Aceitar aquilo que não posso mudar, uma esperança. Mas, com certeza, não devo supervalorizar a minha dor; pois, no mundo, a única certeza que temos, além da inevitável morte, é de que tudo sempre pode ser pior. E isso não é pessimismo, é a pura e dura realidade. Afinal, o mundo nunca foi um paraíso.

Todos caminhamos, descalços, neste árduo deserto. E, de alguma forma, levamos conosco nossas mutilações, pois todos nós as temos. Mas cá estou eu, de novo, mergulhado nas águas de Narciso.

Voltemos os olhos para a flor mutilada do deserto e pensemos, profundamente, no significado de ser mulher em um mundo no qual ela é tão menosprezada e mutilada de todas as formas impossíveis.

Por que, afinal, o mundo odeia tanto as mulheres?

01/05/2011.

A vida durante a guerra

Cenas intencionalmente patéticas, tais como um menino de treze anos que se lamuria com sua mãe ao dizer-lhe que não quer virar *gay* como o seu pai pedófilo, e sua mãe, séria, acalma-o com uma frase mais ou menos assim: “Eu prometo que você não vai virar *gay*, meu filho”. E cenas dramáticas como quando esse mesmo menino, ao conversar a sós com o namorado de sua mãe, começa a gritar apavorado porque o homem o abraça depois de pegar em seu ombro, isso um tempo depois de a mãe ter dito ao filho que ele devia gritar caso algum homem tocasse nele. Grito que termina com o relacionamento entre a mãe e o novo namorado.

É preciso também mencionar aquela cena em que uma mulher magra, de voz grave, com a amargura estampada no rosto marcado pela idade, aproxima-se, em um bar, do pedófilo pai do garoto de que falamos há pouco, recém-saído da cadeia. Amarga, ela diz ser um monstro e acaba sendo levada a pagar pela transa com esse homem.

Tudo isso em um filme ambíguo, que mostra ao público crítico os excessos em torno da questão “pedofilia”. Mas que, também, pode fazer o público ingênuo identificar-se com as cenas patéticas e reafirmar as próprias crenças. E é essa ambiguidade que faz desse filme uma obra espetacular.

22/05/2011.

Cisne negro

O artista é luz e sombra, e sua arte é resultado desse conflito que o tortura até a exaustão. Busca a perfeição impossível mas desejada tão intensamente. Assim, entre Eros e Thánatos, consome-se, mutila-se. Para ele, a luz e a sombra, o desejo e a morte tomam proporções mágicas, perigosas. Dessa forma, vive intensamente a vida, porque a sente como unha cravada na pele, e morre a cada segundo para dar energia à sua obra. Transforma-se em sua obra. E, por mais que tentem reprimir-lhe o cisne negro, é este que o impulsiona e faz dele o que é: um artista!

30/07/2011.

A árvore da vida e *Anticristo*

Depois de assistir ao filme *A árvore da vida*, inevitavelmente, acabei fazendo a conexão com o filme *Anticristo*, de Lars von Trier.

Para os ingênuos, *A árvore da vida* defende a ideia de que existe algo além dessa nossa matéria em apodrecimento. Mas, para os críticos atentos, existe no filme a ideia de que a natureza humana não pode ser mudada, só reprimida. É isto, reprimir-se, o que faz o personagem mirim que, no futuro, terá a aparência do grande Sean Penn.

Depois de ver *Anticristo*, um filme pesado, cansativo e genial, fiquei pensando e tentando entender o título, quando a luz se fez: o anticristo é a natureza. A natureza é assim, contrária às regras de Cristo, aos seus ensinamentos morais.

Tais filmes serão fenômenos de um tempo que, dizem, é neobarroco? Estamos realmente vivendo a dualidade, a contradição? Ou estaremos mesmo entrando nessa nova Idade Média, sombria, em que a razão é a vilã suprema e a crença, a magnânima rainha? A posteridade dirá.

06/08/2012.